

## ***Duas perguntas em apoio a Marina***

José Eli da Veiga

Incomparável proeza histórica decorreu, no século XX, da simbiose entre movimentos sociais trabalhistas e projetos políticos anti-conservadores. Tão intensa foi a conseqüente expansão da capacidade produtiva, que boa parcela dos seres humanos conseguiu passar do reino da necessidade ao da afluência, com educação e cultura, além de opções de vida e escolhas antes inimagináveis.

Mesmo que parcial, pois infelizmente não atinge a grande maioria dos que vivem no Sul, é esse o legado do “Estado de bem-estar social”, conquista da social-democracia e suas variantes, mesmo que em certos casos não tenha sequer existido legenda política com semelhante denominação, a começar pelos EUA.

O problema é que eventual continuidade desse processo esbarra agora em dois obstáculos. Por um lado, foi ficando cada vez mais patente, nas últimas três ou quatro décadas, que tão retumbante sucesso passou a solapar os próprios fundamentos biogeofísicos da prosperidade, o que traz muitas dúvidas sobre o futuro do desenvolvimento humano, mesmo nas mais sólidas e ricas democracias do primeiro mundo.

Por outro, também ficou claro que estão obsoletos os arranjos que haviam garantido recordes de aumento da produtividade, particularmente durante o quarto de século apelidado de Era de Ouro

(1948-73), a despeito de que ainda possam encontrar sobrevivida em democracias periféricas que se tornem emergentes.

Incerteza sobre o desenvolvimento e obsolescência do pacto “fordista” só realçam o principal conflito contemporâneo: choque entre o ainda indispensável crescimento econômico e a necessidade de ao menos controlar seus impactos sobre a biosfera. Além de ter caráter global (pois mudança climática, erosão de biodiversidade e zonas oceânicas mortas por excesso de nitrogênio não são questões que possam ser combatidas com medidas unilaterais), esse é um desafio que demanda bem diversa simbiose entre movimentos sociais e projetos políticos.

O primeiro sintoma desse incontornável imperativo histórico de superar o programa social-democrata foi a emergência de agremiações políticas diferenciadas, como o neozelandês “The Values Party” em 1972, e o britânico “People” em 1973. Iniciativas que alguns anos depois embarcaram no sedutor projeto “verde” sob a forte influência midiática do fenômeno alemão “Die Grünen”.

Embora agora existam 109 partidos nacionais nas quatro federações continentais articuladas pela “globalgreens.org”, não há sinal de que algum deles tenha qualquer relação simbiótica com movimentos sociais. Ao contrário, todos continuam no gueto dos que enaltecem valores “pós-materialistas”, conforme o canhestro jargão sociológico.

A boa notícia é que uma nova ambição de superar a social-democracia parece estar despontando em iniciativas como o “Partido del Futuro” na Espanha, e o “Movimento 5 Stelle” na Itália. Numa

espécie de segunda onda, desta vez centrada em dimensão da sustentabilidade que é bem mais tangível para a maioria dos cidadãos: a do efetivo funcionamento da democracia. Em vez de caírem na cilada dos que se deixaram reduzir à dimensão ambiental - por mais importante que ela inegavelmente seja - o que esses dois novos partidos mais exigem é democracia de verdade, democracia para valer, ou “democracia, ponto”, como dizem os espanhóis.

Para se avaliar as perspectivas dessa possível segunda onda, a maior dificuldade está em saber se para ela existe alguma base social que possa vir a ter importância histórica comparável ao que foram os movimentos trabalhistas até o final do século passado. Por enquanto, só dá para notar que seus protagonistas são principalmente jovens profissionais liberais autônomos muito ativos em comunidades virtuais. Será que escaparão de destino similar ao dos verdes?

Não são outras as perguntas que devem ser dirigidas aos articuladores dessa nova e promissora organização política brasileira - “A Rede” - que começará a germinar no sábado 16/fev graças à liderança da ex-senadora e ex-ministra Marina Silva. Como adequar o cosmopolitismo intrínseco à luta pela sustentabilidade a uma estratégia política que não esteja condenada a segregação semelhante à que vitimou a primeira onda? Tão ou mais importante: com que base social?

---

**JOSÉ ELI DA VEIGA**, 64, professor dos programas de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI/USP) e do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), é autor de “Sustentabilidade: a legitimação de um novo valor” (Ed. Senac, 2010). Site: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)